

## O Caminho das Águas em Salvador

Elisabete Santos é doutora em Sociologia pela UNICAMP, professora e pesquisadora do Grupo Águas/CIAGS/NPGA, Escola de Administração – UFBA.

Luiz Roberto Santos Moraes é Doutor em Saúde Ambiental pela LSHTM - University of London/UK, professor titular em Saneamento e Pós-aposentado do Departamento de Engenharia Ambiental da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

José Antônio Gomes de Pinho é doutor em Regional Planning pela LSE- University of London (1986), professor e vice-coordenador do CIAGS/NPGA, Escola de Administração – UFBA.

Renata Alvarez Rossi, é Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. É pesquisadora associada do Águas/CIAGS/NPGA, Escola de Administração – UFBA.

### Abstract

The paper presents the experience and multidisciplinary inter-institutional evaluation of water quality and watershed delineation/neighborhoods in Salvador, Bahia, Brazil. The work builds, in a collaborative and multidisciplinary way, an index of water quality of urban rivers and its sources and limits, based on the notions of identity and belonging, a proposal for delimitation of watershed and basin districts. The result of this work is the publication of a vast documentation on the subject and the elaboration of proposals for institutionalization of these territorial clippings, aiming at supporting implementation of public policies.

**Keywords:** Water, Identity, Public Policies

### 1. Introdução

As águas sempre foram presença marcante em Salvador. Por conta disso e das específicas formas de organização econômica, social, cultural e religiosa, este elemento da natureza adquiriu um peculiar significado na vida da cidade, de modo que em Salvador as águas sempre foram e são substrato e substância, elemento de confluência e conflito, paradoxo, matéria e mito. Este texto discute, as relações que uma forma específica de organização sócio-espacial - a cidade - e seu processo de crescente urbanização, estabelecem com determinados elementos da natureza, em particular com as águas, a constituição do que qualificamos como *problemática as águas*, e os múltiplos significados que este elemento adquire em Salvador.

As relações entre Salvador e as águas são bem mais complexas do que um primeiro olhar pode sugerir. Neste começo de século, as águas se constituem em um *problema de saúde pública* - como elemento relacionado à doenças em uma cidade na qual as águas da chuva e as águas servidas se misturam; *como promessa de desenvolvimento* – uma vez que nossos bens naturais, nossas praias e nossa cultura são substrato de um projeto de desenvolvimento excludente; e também como *substrato de um rico imaginário cultural e religioso*, que tem nos elementos da natureza, nas águas, sua referência mais forte e significativa. Isto significa que as relações entre Salvador e as águas colocam questões diretamente relacionadas com condições econômicas, e ambientais de vida, mas também com a construção social de um conjunto de práticas e símbolos culturais e religiosos, secularmente instituídos na cidade e sua região.

A compreensão deste complexo conjunto de relações esgarça e amplia a noção de *crise ambiental*, referindo-se essa à lógica da escassez como também à radicalização de processos que esgarçam as relações entre sociedade e natureza. Nosso desafio, então, será mostrar que as relações com as águas em Salvador são uma peculiar expressão da crise ambiental, de dilemas característicos das sociedades qualificadas como pós-modernas - aqui compreendidas, como o faz Anthony Giddens, como fruto da radicalização e não superação dos princípios da modernidade – particularmente da mercantilização. Destarte, defendemos a tese de que a *problemática das águas* em Salvador (que se materializa enquanto lógica da escassez e do espetáculo, como conflito entre águas, pobreza urbana e exclusão social) se constitui em ameaça tanto às condições materiais de

existência quanto a práticas religiosas secularmente instituídas na cidade, práticas que, a exemplo do candomblé, têm como fundamento elementos da natureza - em especial as águas.

Desta maneira, Salvador, cantada em prosa e verso pela prodigalidade dos seus recursos naturais e pela peculiaridade da sua cultura, ao transformar a abundância em escassez e radicalizar a mercantilização de relações sociais e elementos naturais, termina por aprofundar a separação entre sociedade e natureza. Tais relações são permeadas e constituídas por "projetos de desenvolvimento" e de "modernização", tecidos nas várias esferas de governo e cuja tônica é a constituição de uma economia do espetáculo e a transformação das águas em *commodity*. Dessa maneira, convivem e conflitam em Salvador relações que situam em campos teóricos e ontológicos absolutamente diversos, às vezes antagônicos, águas, sociedade e natureza.

Este artigo será explorado a partir dos seguintes recortes: o primeiro reporta-nos propriamente à natureza da *problemática das águas*, ou seja, às dimensões econômica, social e ambiental da relação entre Salvador, sua região e as águas — o que nos conduz à qualificação de como a sociedade local se reproduz e como, ao fazê-lo, reitera e recria relações particulares entre sociedade e natureza. O segundo recorte reporta-nos à dimensão simbólica das águas, a relação entre candomblé e as águas, ao fato desta prática religiosa fundamentar sua compreensão acerca da sociedade e natureza em princípios que se contrapõem ao que qualificamos como lógica da escassez e da espetacularização, às relações entre águas, exclusão e pobreza urbana. Afinal, convém reiterar, na Cidade da Bahia as águas não são apenas um *problema ambiental*, elas não apenas *saciam a sede, conduzem dejetos e doenças* ou se constituem em *vantagem comparativa*, as águas também *purificam o corpo e a alma, realizam afetos, querências e desejos*.

Deparamo-nos então com o contraditório fato de que a "modernização" de Salvador e sua região tanto possibilitou o "saneamento" das águas quanto o comprometimento da sua qualidade e que as relações entre sociedade e natureza só são devidamente circunscritas quando referidas à qualidade das complexas relações que as distintas classes sociais estabelecem entre si e para com a natureza nos contextos de exclusão social, desregulamentação, flexibilização do trabalho e do "fim" do trabalho e da natureza. Isto coloca em discussão a seguinte questão: sob quais condições o progresso técnico significa progresso humano e em que medida tal progresso implicou em uma relação entre sociedade e natureza ambientalmente e socialmente menos predatória. Vejamos como tais questões se conformam em Salvador e em que medida podem se constituir em exemplo das referidas crises.

## **2. As dimensões econômica, social e ambiental das Águas em Salvador**

Salvador é uma cidade envolta e entrecortada pelas águas. Circundada pela Orla da Baía de Todos os Santos e pela Orla Atlântica, a cidade possui uma topografia acidentada e clima intertropical que favorece a ocorrência de chuvas ao longo de todo o ano, apesar de sua região avizinhar-se do chamado polígono da seca, conhecido pela baixa pluviosidade e pelos históricos conflitos em torno da escassez de águas. Salvador é, portanto, privilegiada pela natureza, pela "fartura" de um elemento cada vez mais raro, caro e, por isso, motivo de conflito. Entretanto, a cidade do Salvador tem passado, nas últimas décadas, por expressivas modificações na qualidade do seu ambiente urbano. Quem teve a oportunidade de viver a velha Cidade da Bahia lembra, às vezes com nostalgia, como a vida era diferente. Ainda que preserve muito dos seus atributos naturais, é uma cidade plena de contrastes, conjugando pobreza e riqueza como poucas metrópoles brasileiras.

Abrigando um contingente de 2,676 milhões de habitantes (IBGE, 2011), o processo de urbanização da cidade e os usos das águas (particularmente como fonte de diluição de dejetos domésticos) comprometeram profundamente seus principais corpos d'água, fazendo surgir da abundância a escassez. Neste caso, merece destaque o comprometimento da qualidade das águas da Bahia de Todos os Santos, pelo lançamento de resíduos industriais e domésticos, o uso incontrolado das águas subterrâneas para abastecimento industrial e o comprometimento dos principais corpos hídricos da cidade pelo lançamento de resíduos e efluentes de toda ordem. É este o substrato a partir do qual são tecidas complexas relações entre águas e pobreza urbana.

O processo de urbanização de Salvador, à semelhança do ocorrido em outras grandes cidades, ampliou e aprofundou as desigualdades e a exclusão. Os principais problemas sócio-ambientais da cidade nesse começo de século decorrem sobretudo da natureza excludente da sociedade local (resultado de uma economia e mercado de trabalho estratificados e concentradores de renda), da complexa relação entre pobreza urbana e ambiente urbano, do caráter elitista das políticas públicas implementadas, da natureza e precariedade das

ações do Estado em serviços de consumo coletivo e, em particular, em saneamento. As águas tornam-se então um problema ambiental dos mais graves, e isto se explicita da seguinte forma: apesar de ser um elemento dotado de extrema utilidade, vital à sobrevivência, à biodiversidade e ao conjunto da sociedade, as águas também são uma ameaça (decorrente da incidência de altos índices pluviométricos em uma topografia acidentada e em uma cidade favelizada) e um problema de saúde pública (em virtude da estratificação dos serviços de abastecimento, da inexistência de tratamento dos esgotos sanitários, da convivência diária com os resíduos sólidos e, em decorrência, da alta incidência de doenças relacionadas à água). A associação entre pobreza e acesso aos serviços de consumo coletivo, a padrões de atendimento e cobertura dos serviços públicos de saneamento básico, um dado estrutural das grandes cidades brasileiras e dos países "em desenvolvimento", quando colocado à luz das diferenças regionais, tem um peculiar significado na vida da cidade. Além de estar relacionada dentre as capitais que apresentam os maiores índices de pobreza do País, Salvador também apresenta os menores percentuais de atendimento dos serviços de consumo coletivo, sendo sua distribuição das mais estratificadas e a qualidade dos serviços prestados das mais diferenciadas. A implementação do Programa Bahia Azul, que teve como objetivo a ampliação dos serviços de saneamento básico, encontra-se eivado de controvérsias, e questiona-se em que medida os investimentos realizados se traduziram em melhoria das condições de saneamento da cidade, em especial dos bairros populares, situados em áreas mais afastadas do centro da cidade. Pesquisas realizadas no âmbito da Universidade têm demonstrado que persistem graves problemas de esgotamento sanitário em algumas áreas da cidade, além de ser uma constante a dificuldade de abastecimento regular ou mesmo de acesso à água nestes bairros. Por conta dessas desigualdades em termos da qualidade do serviço prestado, o consumo de água fora dos padrões de potabilidade e a disposição inadequada de esgotos sanitários são, dos problemas ambientais, os mais graves, sendo quase um truísmo afirmar que a qualidade de vida em Salvador depende da gestão ambientalmente correta das águas. Por conta dessas diferenças, a convivência diária com os esgotos sanitários e industriais é um problema ambiental dos mais graves da cidade sendo quase que um truísmo a afirmação de que a qualidade de vida em Salvador depende da gestão ambientalmente correta das águas.

Entretanto, as águas em Salvador não são apenas doença e aflição, são também promessas de desenvolvimento. A "Cidade da Bahia" nasceu e conformou-se com os olhos voltados para o mar, para a Baía de Todos os Santos, em direção à qual convergia parcela expressiva da riqueza gerada no Recôncavo baiano e mercadorias produzidas nos principais centros comerciais do mundo. No atual contexto de crise da economia regional e nacional e quando a cidade busca se inserir de forma competitiva no processo de globalização, Salvador conforma-se como uma cidade tipicamente terciária, com uma economia voltada quase exclusivamente para o comércio e a prestação de serviços, estando sua "identidade" no cenário nacional e internacional associada à condição de cidade *não industrial*, do *não trabalho*, cuja "vocação" seria a constituição de uma "economia do lúdico", fundada na mercantilização dos seus atributos naturais e culturais (particularmente, os da cultura afro-baiana). Nesse contexto, as águas, antes *substrato*, caminhos por onde circulavam riquezas, tornam-se *substâncias* do atual processo de desenvolvimento econômico e, logo, ameaçadora promessa de transformação dos elementos da natureza e da cultura local em *espetáculo*.

Tal projeto gesta alterações significativas na relação entre sociedade e natureza, aprofunda a mercantilização de elementos materiais e simbólicos, até então periféricos à "modernização" da economia e sociedade locais. Como resultado tem-se a *espetacularização* da natureza e da cultura, a artificialização e conseqüente "desmaterialização" de relações que historicamente subsistiram à margem dos circuitos formais da sociedade e da economia. Nesse sentido, a espetacularização se constitui em manifestação correlata ao "gnosticismo" (manifesto nas relações mediadas por processos tecnológicos os mais sofisticados), estando esse referido a relações que, apesar de não estarem mediadas pela tecnologia, têm como marca a radicalização da transformação de elementos da vida (naturais e culturais) em mercadoria. Assim, uma noção como a de *gnosticismo tecnológico*, que expressa profunda recusa ou afastamento da *natura naturata*, passa a ter uma peculiar correspondência com o processo de espetacularização em uma cidade que, estando à margem do movimento de reprodução dos setores mais avançados do capital, tem no elogio à natureza e à sua cultura seu principal *leitmotiv*. Em Salvador, a ode às águas, à natureza e as manifestações culturais de origem afro-brasileira traz, simultaneamente, a radicalização de rupturas contra as quais práticas culturais e instituições religiosas, a exemplo do candomblé, historicamente se voltaram.

A base sobre a qual repousa tal projeto de desenvolvimento é extremamente precária e isto se explicita no acelerado processo de degradação da qualidade das águas superficiais e subterrâneas, decorrentes de um processo de urbanização predador, na carência de infraestrutura urbana e na complexa relação entre pobreza e problemas urbano-ambientais. O Estado, principal formulador de tal projeto, tem buscado superar tal contradição por meio de investimentos internacionais para o financiamento de projetos de infraestrutura urbana.

Pretende-se assim superar o "atraso" da Cidade da Bahia com a implementação de serviços e equipamentos urbanos e conferir-lhe uma mais completa feição de "modernidade". Como afirma Laymert Garcia dos Santos ao falar-nos sobre as relações entre tecnologia e natureza no atual processo de "redescoberta" do Brasil, a "obsessão do descompasso" e a necessidade de inserir-se de forma competitiva na economia globalizada tem levado o País a abrir mão da sua diversidade sócio-biológica em troca de uma inserção no mercado globalizado. Salvador também tem procurado valer-se do que restou da natureza e das suas manifestações culturais, transformando-as, por sua feita, em mercadoria, em vantagem comparativa.

### 3. A dimensão simbólica das Águas

Em Salvador, todavia, as águas não são apenas um problema ambiental ou promessa de desenvolvimento - e nisto reside sua peculiaridade. As águas são também substrato de um conjunto de práticas culturais e religiosas, particularmente do candomblé, para quem os elementos da natureza são de fundamental importância. Mas não são exatamente estas manifestações culturais e religiosas que se constituem em objeto da economia do lúdico? Sim e não. Poder-se-ia dizer destas formas de organização e manifestação culturais e religiosas que de forma simultânea, estão inseridas neste processo de mercantilização e também à sua margem. Assim, apesar dos modos sociais de uso e gestão das águas estarem profundamente marcadas pela lógica do mercado, subsiste em Salvador um conjunto de práticas e manifestações derivadas da tradição africana, particularmente do candomblé de origem ioruba, que confere uma dimensão religiosa e mágica às águas, ampliando seus significados e atribuindo a este elemento da natureza a dupla condição de bem essencial à vida e símbolo.

Salvador é uma cidade com expressiva parcela da população de origem negra, e isto tem um significado marcante na conformação de práticas e relações entre sociedade e natureza. O imaginário e os ritos do candomblé, associados à prática de "lavagem" de espaços públicos e igrejas (expressão do sincretismo religioso local), marcam e perpassam a história e a geografia da cidade. Iemanjá, rainha das águas salgadas, entidade mítica de presença extremamente forte no imaginário local, faz do dia 2 de fevereiro "dia de festa no mar". Esse universo de culto aos orixás, que remonta ao século XVI com a chegada de negros e que em determinados momentos e circunstâncias se mescla com o catolicismo oficial e com práticas de origem espírita, só pode ser devidamente compreendido no contexto das relações de raça e classe em Salvador. Situado na histórica condição de excluído e inserido em uma estrutura religiosa profundamente hierarquizada, o *povo-de-santo* (adeptos praticantes do candomblé) gesta uma concepção de mundo na qual natureza e sociedade são concebidas a partir de princípios como "identidade" e "semelhança" (que afirmam a identidade entre natureza e sociedade), tornando-se difícil estabelecer os limites entre o social e o natural, entre *Ser* e mundo. Nesse imaginário, as águas são águas primordiais que diluem a história e possibilitam o reinstalar de uma nova condição individual e social. As águas "limpam" o terreiro, restituem o poder à natureza e os orixás são concebidos como entidades que encarnam simultaneamente as forças da natureza e do coletivo social. O axé é um elemento que perpassa a sociedade e a natureza, o natural e o sobrenatural, conferindo unidade a estas "esferas" da vida e da existência. A prática do candomblé requer o contato direto, não mediatizado com a água, a terra e o "mato", demanda uma natureza não "secundarizada", que a água brote da fonte e que seja respeitado o "tempo" dos elementos da natureza que estruturam este universo.

### 4. Dimensão Política das Águas

Concretamente, como se articulam em Salvador tais relações? Em primeiro lugar, a compreensão da *problemática das águas* reporta-nos a crise ambiental, aqui qualificada e compreendida como uma forma de manifestação de uma crise mais global e estrutural que é a crise das sociedades produtoras de mercadorias. A análise da problemática das águas em Salvador e sua região reporta-nos ao fato de que esta tem uma dimensão global, o que pode ser atestado pelo crescente aumento da demanda de água potável e pelo caráter crescentemente limitado desse recurso — contradição que lhe tem conferido valor econômico estratégico. São cada vez mais frequentes os conflitos resultantes da falta de água, estando hoje a maior parte das águas doces do planeta comprometida pela poluição doméstica, industrial e agrícola, por desequilíbrios ambientais resultantes do desmatamento e pelo uso indevido do solo. A utilização crescente das águas subterrâneas, como alternativa à das águas superficiais já comprometidas em sua qualidade, é expressão da conformação de uma ordem da escassez. Chega-se a afirmar que as guerras no século XXI terão como motivo não o petróleo mas

sim a água e que a escassez das águas torna mais radical a discussão acerca dos usos dos recursos considerados renováveis. A condição de "recurso básico", fundamental, indica que a escassez das águas coloca em risco não apenas padrões de consumo mas a manutenção da própria vida e que, diante do acelerado processo de comprometimento da sua qualidade, um dos grandes desafios para o próximo século é garantir o abastecimento de água potável nos grandes centros urbanos. Ademais, a dimensão supranacional das principais bacias hidrográficas e a desigualdade na distribuição dos recursos hídricos no mundo transformam o acesso às águas em constante fonte de conflito. O fato é que a progressiva redução da quantidade de água utilizável e o comprometimento da sua qualidade, elementos diretamente relacionados com os modos de produção atualmente hegemônicos, passam a conferir-lhe valor e a atribuir-lhe a condição de mercadoria. É nesse contexto que situamos a recente experiência de elaboração de uma política nacional de recursos hídricos, as qualifica como um *bem econômico*, sujeito a cobrança.

Tais iniciativas encontram-se em sintonia com mudanças estruturais na gestão das águas que vêm ocorrendo em significativo número de países, a exemplo da Espanha, França, República Tcheca, Peru e Costa do Marfim. Essas iniciativas têm como lastro comum um discurso sobre escassez e sustentabilidade; sob esse tais conceitos, encontram-se ancoradas as mais variadas formas de gestão, todas elas entretanto unificadas pelo princípio de que "a água será o ouro do futuro" e que "a água tem que pagar a água". A Carta de Paris e a proliferação de redes internacionais que congregam organismos voltados à gestão das águas por bacias hidrográficas são ilustrativas da dimensão supranacional que a gestão das águas vem adquirindo e o significado da privatização dos serviços públicos de abastecimento de água, com a transformação das águas em *commodity*. Tais iniciativas do Estado, em seus diversos níveis, importam ao âmago mesmo do debate sobre a necessidade de não-subordinação do *direito à água* à lógica do mercado, à condição de mercadoria, e estão inseridas no contexto da luta política que busca conferir aos usos das águas um caráter social.

Reafirmamos mais uma vez a dimensão política da questão ambiental — dimensão que poderá redefinir os termos da contradição entre as águas enquanto recurso dotado de valor econômico e sua condição de bem de uso universal. É a dimensão política que inclusive poderá fazer com que a tecnologia, elemento de mediação entre homem e natureza, cujo *telos* seria a liberação do homem da necessidade, possibilite a melhoria da qualidade de um recurso como a água e a universalização do seu uso. É ainda a dimensão política que deverá possibilitar a redefinição da contraditória relação das águas enquanto recurso e símbolo, o que se traduz na transformação das atuais relações entre sociedade, cidade e natureza e no equacionamento dos dilemas ambientais deste começo de século. Destarte, perpassa este trabalho a noção de *crise*, que se traduz como destruição ou comprometimento da qualidade dos "recursos ambientais", como radicalização da separação entre sociedade e natureza (e correlata e contraditória diluição da fronteira entre *Ser* social e natural, pela diluição da fronteira entre sujeito e objeto do conhecimento), enfim, como crise das sociedades produtoras de mercadorias, que em suas determinações mais gerais perpassa as distintas esferas e modos de organização da sociedade. Ao nos reportarmos à relação entre Salvador e águas, estaremos pois, caracterizando uma dentre as várias formas de materialização da *crise ambiental* — crise que termina por adquirir significado particular quando referida ao processo de transformação ou "desintegração" pela qual passa a sociedade brasileira.

## 5. Referências Bibliográficas

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISCA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 2011.
- MORAES, Luiz Roberto Santos; SANTOS, Maria Elizabete Pereira dos; SAMPAIO, Rosely Moraes. Indicadores da qualidade ambiental urbana: a experiência do Dique de Campinas em Salvador, Bahia. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 78-87, 2006.
- SALVADOR. Superintendência do Meio Ambiente. **Bacias hidrográficas no Município de Salvador: iniciativas de gestão integrada**. Salvador, 2006.
- SANTOS, Elisabete. **A cidade do Salvador e as Águas**. 2000.
- VERGER, Pierre Fatumbi, *Lendas Africanas dos Orixás*, São Paulo, Corrupio, 1985.
- VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia do século XVIII**. Salvador: Ed. Itapuã, 1969. (Coleção Baiana, 1).